

OFÍCIO DE TINIEBLAS: O INTERLOCUTOR FEMININO

Cecilia Zokner*

P

ublicado há vinte e oito anos atrás, *Ofício de tinieblas*¹ é um romance no qual se entrelaçam a ficção e a crônica para falar desses dois mundos que sempre têm sido os dois mundos latino-americanos: o mundo dos pobres e o mundo dos ricos.

Escrito por uma mulher, Rosario CASTELLANOS,² ele recria um universo onde os brancos e os índios se opõem nas já conhecidas posições de domínio e de passividade e no qual as relações de trabalho e de propriedade e as relações sociais e afetivas e idiomáticas

* Universidade Federal do Paraná

¹CASTELLANOS, Rosário. *Ofício de tinieblas*. México: Joaquín Mortiz, 1962.

²Rosario Castellanos nasceu em 1925, na cidade do México e morreu, em 1974, em Tel Aviv. Sua produção literária abarca todos os gêneros e faz dela uma das mais importantes expressões de sua geração.

são marcadas pela hierarquia ditada pelo mais forte e que irá justificar a expropriação, a posse do indivíduo e o direito à vida e à morte.

Uma hierarquia na qual o personagem branco ou índio, dominador ou dominado será sempre prisioneiro de sua condição social e de suas relações familiares e, condenado a uma solidão que aceita por não ser capaz de recusar as leis que lhe são impostas. Personagens que, ou vivem fechados na sociedade corrompida pelos valores tradicionalmente falsos que alimentam a Ciudad Real, ou vão sendo aniquilados pelo processo gradual de substituição de verdades no povoado indígena de Chomula.

Aproximar-se, então, do personagem feminino de *Ofício de timéblas* é, inevitavelmente, aproximar-se desse mundo dividido entre brancos e índios, entre os que trabalham e os que não trabalham, entre os que possuem (poder, dinheiro, nome de família, posição social definida ou, simplesmente, a pele de cor branca) e os que nada possuem. E, imprescindível, também, aproximar-se da posição que este personagem ocupa na estrutura social e familiar e as relações que nela se estabelecem.

São dez os personagens femininos nominados e com estatuto determinado: Isabel Zebadúa (por nascimento possui um sobrenome tradicional e fortuna pessoal, mãe de Idolina); Idolina (jovem, doente sem diagnóstico); Júlia (forasteira que vive maritalmente com um homem que deseja fazer crer que é seu marido); Mercedes (alcoviteira); Benita (solteirona, irmã do padre Manuel); Cristina (governante do Bispo); Felipa (índia, mãe de Marcela); Marcela (jovem índia); Catalina (índia, mulher de Pedro ex-juiz da comunidade, "iloi", isto é, a que possui poderes sobrenaturais); Tereza (índia, ama de Idolina).

Ou seja, quatro são índias e as outras presume-se que sejam brancas: usam um sobrenome respeitável ou têm um parente respeitável e, sobretudo, reagem como aqueles que estão conscientes do lugar superior que, por uma razão ou outra, ocupam na sociedade.

Três das mulheres brancas não trabalham, as outras duas se ocupam das lidas domésticas: uma a serviço do irmão e a outra a serviço de um patrão. A alcoviteira, nas lidas que lhe são próprias. As que trabalham, sem exceção, seja no seu habitat em busca da subsistência, seja para os brancos, na cidade, são as índias.

Todas, porém, estão conscientes do lugar que ocupam na sociedade. Lugar que, evidentemente, lhes foi estipulado pelas estruturas sociais e reafirmado pelas relações que essas estruturas estabelecem.

Assim, Isabel Zebadúa, pelo simples fato de usar um sobrenome "que era um talismã e quem tivesse nascido em posse dele já não

precisava de nenhuma qualidade que acrescentar a sua pessoa” (p.130)³ se considera superior aos demais.

Júlia sabe muito bem que por não gozar de uma clara situação familiar, está condenada à marginalização na vida social de uma cidade que preza, acima de tudo, os bem-nascidos. Procura, então, fazer-se passar por casada e ser aceita pelas famílias principais. Por não saber ou por não querer, não lhes endossa, no entanto, o comportamento, saindo à rua com o cabelo ruivo solto, daí recebendo o apelido de Alazana, isto é, “égua alazã”, como lhe é claramente informado por Isabel. Não conseguindo ser apresentada às mulheres de boa família, suporta o relacionamento com Mercedes (“sua condição servil, a baixeza de seus ofícios” p.131) por precisar de seus serviços e, um pouco, também, por medo do mal que ela poderá, eventualmente, lhe fazer.

Para as mulheres brancas, as índias, simplesmente, não existem a não ser para servir. Entre elas, a hierarquia estabelecida deixa a filha à mercê da mãe e, assim, Felipa espancará Marcela diante das outras que não reagem e que se submetem, em silêncio, às decisões de Catalina, a “ilol”.

Na estrutura familiar, os papéis de esposa, mãe, filha, irmã e enteada serão representados de acordo com a determinação social, embora tal representação esteja em desacordo com os verdadeiros sentimentos.

Como esposa, Isabel Zebadúa vive sozinha. Antes de enviuvar de um homem “neurastênico, taciturno, atormentado, ansioso” (p.74) que, por medo de vê-la sofrer a deixa sozinha no momento de dar à luz, já havia se apaixonado pelo irmão de criação do marido. No novo casamento, tampouco se realizam suas expectativas. Seja no plano afetivo, seja no plano sexual, ela e Leonardo, embora vivendo na mesma casa, habitam mundos diferentes.

Júlia, depois de tudo abandonar e tudo enfrentar por uma paixão, sente que o interesse que despertara arrefeceu e, sentindo-se abandonada pelo homem com quem vive, mais por cálculo do que por amor, se entrega ao adultério. Adultério que o hábito, por sua vez, também vai minorando os ímpetos.

Igualmente, se deterioram as relações das índias com os maridos. Felipa se deixa vencer pelo trabalho e pela pobreza. Catalina, traumatizada pela esterilidade é incapaz de interpretar os silêncios do marido. Tereza foi repudiada por ter deixado a filha morrer de fome, obrigada que foi a alimentar com seu leite a filha da branca Isabel Zebadúa.

³Esta citação, traduzida do original, como todas as demais se refere à edição Joaquín Mortiz, México, 1962.

Quanto ao sentimento daquelas que podem ser ou são mães, ele também foge às leis estabelecidas. Júlia nega a maternidade escolhendo, sem remorsos, o aborto. Isabel, jamais demonstra amor pela filha, embora não deixe de pronunciar a frase-lugar-comum: “por um filho se é capaz da maior abnegação” (p.139). Os cuidados que poderia lhe ter proporcionado quando criança, lhe foram dados, como o leite, por uma ama índia. Tereza, a índia que teve sua filha morta, alimenta a outra e lhe dá o afeto materno, instintivamente, sem entender as razões dessa transferência que o ter nascido índia a obriga a aceitar.

A solteirona Benita, que criou e educou seu irmão, nutre por ele um sentimento de posse que a leva a preferir vê-lo numa situação medíocre e sem futuro mas perto dela, sob a sua dependência, do que num destino melhor mas distante e livre de seus cuidados.

O amor que tem Catalina por seu irmão excepcional a induz a assegurar-lhe um simulacro de vida normal, casando-o sem ignorar que jamais cumpriria com seus deveres de marido e assim, sacrificando Marcela, já vítima dos abusos de um branco.

Dos sentimentos de Marcela por seu pai, nada é mencionado. Sim, o ódio que sente Idolina por seu padrasto.

Submetidas por preceitos, preconceitos e pelas leis sociais, são personagens que irão se expressar através de gestos, de atitudes e de um discurso que pelas suas características se constitui uma expressão essencialmente feminina.

Estudar esse discurso, sua função no romance e a ideologia que nele está contida é uma proposta de trabalho da qual as linhas que seguem constituem uma parte: a que enfoca o personagem feminino como interlocutor, independentemente de que a sua voz seja explícita ou se insira na narrativa e, independente de seu estatuto como personagem.

Esse enfoque será resposta a determinadas perguntas: quem dirige a palavra? A quem esta palavra está dirigida? Quando e em que espaço? E em que circunstâncias? E quais os assuntos tratados? – e, sobretudo, irá caracterizar, individual e socialmente, o interlocutor.

Considerando, então, os interlocutores femininos do romance – quem dirige a palavra e a quem esta palavra é dirigida – emergem os seguintes grupos: mulher branca/mulher branca; mulher índia/mulher índia; mulher branca/mulher índia; mulher branca/homem branco; mulher branca/homem índio; mulher índia/homem índio; mulher índia/homem branco.

No primeiro grupo, uma mulher branca se dirige a outra mulher branca. Isso acontece em seis oportunidades. Em quatro delas, os diálogos se estabelecem entre personagens determinados: Isabel/Jú-

lia, Isabel/Idolina, Júlia/Idolina, Mercedes/Júlia. Nas outras duas, entre Júlia e senhoras da sociedade local e entre uma senhora não nominada e suas filhas.

Os quatro personagens são mulheres sozinhas. Isabel e Idolina gostam da solidão, a procuram, a defendem. Isabel se retira para sua sala de costura onde ninguém, sem a sua ordem, tem direito de entrar. Idolina, doente, fechada no seu quarto não tem por companhia senão a sua ama índia.

Júlia e Mercedes, porém, procuram sair do isolamento. Uma procura o diálogo. A outra, acaba por imaginar um auditório a quem possa falar. Quando acontece a aproximação entre Isabel e Júlia, Isabel recusa o relacionamento porque se sente melhor sozinha e, principalmente, porque Júlia não pertence a sua classe social. Nenhuma oportunidade é desprezada para marcar as diferenças que a separam de sua interlocutora. Seu orgulho “desdenha o trato que não seja com suas iguais e que não reconhece superiores” (p.130). Com os olhos semicerrados, ela escuta, enfasiada, as histórias com que Júlia pretende distraí-la. A curiosidade que houvera por parte de Isabel, em relação à forasteira, fora saciada e a transformara em algo sem valor. Ao contrário, Júlia reconhece que a amizade com Mercedes, apesar de sua situação social inferior, não deve ser desprezada porque, um dia, talvez, poderá lhe ser útil.

Quando se dirige a sua filha para confidências que não são escutadas ou para lhe suplicar que se alimente ou siga os conselhos médicos, Isabel busca um consolo ou deseja cumprir com seu dever. Idolina finge que dorme ou vira o rosto para a parede e a mãe continua ignorando que antes que o dia se inicie no grande casarão, escondido de todos, ela se alimenta em segredo.

Júlia, ao iniciar o seu relacionamento com Idolina, ao influenciá-la para que se levante, se alimente, saia a passear não está pensando, verdadeiramente, na jovem e na sua cura, mas em conseguir a intimidade com alguém que pertença a uma família poderosa. Idolina a recebe, lhe é submissa, guardando sempre a dúvida sobre a sua sinceridade. O mesmo desejo que leva Júlia a Idolina é o que a levará a receber, em sua casa, as senhoras de Ciudad Real em cujo círculo deseja penetrar. O repúdio inicial que sofre não é obstáculo para continuar a perseguir seus objetivos.

O diálogo entre uma senhora e suas filhas se inicia com a pergunta de uma delas: se era verdade que, em tempo de guerra e saque os soldados roubavam as moças. A mãe, “senhora de respeito”, tem um sobressalto e manda que a filha se cale. Tanto ela como as irmãs enrubescem e calam.

As palavras que a mulher índia dirige a outra mulher índia não

são muitas. Na verdade, elas se confrontam em poucas ocasiões: Felipa e Marcela, Catalina e Felipa, Catalina e Marcela.

Felipa, mãe, se dirige a sua filha Marcela para perguntar, exigir, ao não ser atendida, agredir. A filha cala.

Nos diálogos de Catalina com Felipa, o primeiro, no mercado e o segundo em casa de Felipa é a autoridade da "íol" que se dirige à mãe de Marcela e nas duas vezes Felipa se cala e assente por não poder argumentar.

Para algum comentário do cotidiano ou para enunciar o terrível e sofrido ciúme da mulher estéril, se levanta a voz de Catalina ao constatar a gravidez de Marcela. A revelação só provoca horror na futura mãe por estar carregando a semente do estupro. Um horror que se exprime em gestos e atitudes, jamais em palavras de repúdio.

Claramente enunciado, em três casos, os diálogos entre a mulher branca e a mulher índia: Mercedes e Marcela, Idolina e Tereza, Isabel e Tereza.

Mercedes interpela a jovem índia a propósito dos objetos de cerâmica que vende, interessada, porém, apenas em saber se Marcela é virgem para entregá-la à luxúria do branco. Idolina se dirige à Tereza, sua ama, para se fazer obedecer. Isabel para, exasperada, injuriar a ama por ter se ausentado da casa. Uma ausência que, aliás, nem foi percebida na família.

O maior número de diálogos é o que se estabelece entre a mulher branca e o homem branco. Mercedes por ter sido iniciadora de Leonardo nos jogos do amor, ao ficar velha e desamparada continua a lhe prestar serviços, agora, de alcoviteira. Nos diálogos que se estabelecem entre eles, Mercedes atua como uma conselheira de sua vida social e amorosa. Marginalizada, porém, do resto da sociedade, por seu "ofício", no intuito de fugir da solidão, inventa interlocutores para os quais conta algo de seu passado e comenta coisas do presente.

Benita, quando o irmão padre lhe dirige a palavra é toda feita de humildade. Ao perdê-lo, massacrado pelos índios, a serviço da Igreja, acusa, violentamente, o Bispo dessa morte. Com a perda do irmão se desfazem os laços de respeito que a unia à autoridade. Já de nada valem e, na verdade, ela nada mais tem a perder.

Cristina, a governante do Bispo, embora guarde nas atitudes a humildade, a submissão e o respeito de praxe, ao lhe dirigir a palavra, demonstra que o ser responsável por sua comodidade lhe confere um outro *status* que não o de uma criada comum. Assim, quando o Bispo deve receber o Governador da província, Cristina se dirige à autoridade ditando normas onde o que se revela é a vontade do Bispo.

Idolina ao receber a visita do representante da Igreja que chega para aconselhá-la a respeito de sua amizade com Júlia, escuta-lhe as palavras ao mesmo tempo que, mentalmente, o vai julgando, mas não lhe concede a mínima resposta. No único momento em que poderia falar com seu padrasto, a atitude de escárnio que ele teve em relação a ela, faz com que se sufoque de raiva a ponto de perder os sentidos.

Isabel, seja na confissão, seja numa conversa fora do confessional, não diz a verdade ao Bispo. Mente para conservar a imagem que ele ajudara a criar: a de mulher virtuosa.

Entre Isabel e Leonardo o diálogo é marcado por uma igualdade econômica e uma desigualdade social. Da parte de Isabel se manifesta, evidente, o desejo de mostrar bem a diferença social que existe entre os dois: ela, oriunda de uma família tradicional, ele, o que foi recebido por caridade e cuja origem mal se conhece. Leonardo, ao possuir uma fortuna feita por seus próprios esforços, pede, discute, exige em nome das leis que regem a estrutura familiar e que dão ao marido tantos direitos.

Os diálogos entre Júlia e Leonardo acontecem em dois tempos que representam dois momentos afetivos. O da conquista amorosa quando Leonardo deseja e cede e o da satisfação do homem e conseqüente perda de interesse pela mulher.

Apenas uma vez, a mulher branca dirige a palavra a um índio. Refugiadas numa igreja com as crianças e os velhos para se proteger de uma revolta indígena, diante dos revoltosos que invadem o recinto e, ainda que, em situação de perigo a mulher branca os agride, os insulta, os ameaça.

Igualmente, em apenas uma oportunidade há troca de palavras entre a mulher índia e o homem branco. Catalina e as demais mulheres da comunidade são presas e levadas a julgamento. A maneira de pensar e a natural timidez que lhes é própria, o lugar estranho em que se encontram, a situação desconhecida impedem uma comunicação que parece não interessar muito àqueles que interrogam e julgam com a sentença preparada de antemão.

Duas vezes a mulher índia fala com o homem índio: Catalina responde às perguntas do marido sobre a presença de Marcela na sua casa, e Felipa ao por em dúvida as afirmações de seu marido sobre a "ilol", acaba por se calar diante da energia dos argumentos com os quais ele lhe defende os poderes.

Ou seja, as circunstâncias nas quais se estabelecem esses diálogos podem ser apenas sociais ou determinados por interesses específicos, relações familiares, encontros eventuais ou por acontecimentos excepcionais.

Assim, as visitas de Júlia a Isabel e a Idolina, as reuniões em que Júlia recebe as senhoras da sociedade, na aparência, não possuem outro objetivo que não seja o do relacionamento social.

Claramente explicitadas, as razões das visitas que faz Catalina a Felipa e o Bispo a Idolina. A primeira anuncia o casamento de Marcela; o segundo procura aconselhar. Quando Leonardo procura Mercedes é para solicitar os seus serviços.

As relações familiares levam a diálogos inevitáveis embora nem sempre desejados. Aqueles que se originam do cotidiano e os que rompem com as regras estabelecidas num momento de tensão. No primeiro caso estão os diálogos entre Isabel e Fernando à hora das refeições ou os que se originam das visitas que faz Isabel ao quarto de sua filha levada pela necessidade de cumprir com seu dever. E, as palavras originadas do trato de todos os dias que dirige Idolina a sua ama Tereza ou Catalina a Marcela quando a instala na sua casa.

Há momentos em que essas regras se rompem: no caso, por exemplo, do diálogo de Benita com o irmão quando ele chega desesperado pelo fato de ser transferido de paróquia; de Catalina ao explicar ao marido a presença de Marcela em casa; de Leonardo pedindo a sua mulher que vá à festa que ele irá oferecer; da criada de Júlia quando recai sobre ele uma suspeita quanto à sua honestidade; de Felipa quando Marcela não lhe entrega o dinheiro que deveria ter dado a venda das cerâmicas; de Catalina ao se dar conta de que Marcela está grávida.

Outras circunstâncias que propiciam o diálogo são os encontros casuais ou previamente dispostos. Casuais, o de Mercedes com Marcela. Previamente dispostos, os encontros amorosos entre Leonardo e Júlia, o encontro religioso no confessionário entre o Bispo e Isabel.

Realmente excepcionais, as circunstâncias que levam Benita a dirigir a palavra ao Bispo, as mulheres brancas aos índios e as mulheres índias aos brancos.

Sejam, no entanto, situações eventuais ou provocadas, elas acontecem em ambiente fechado: a casa, a igreja, o palácio municipal. Às vezes, um espaço ainda mais reduzido: o quarto de Idolina ou de Júlia, o quarto de costura de Isabel que se fazem mais fechados pelo desejo expresso dos personagens. Isabel não permite a ninguém entrar no seu quarto de costura sem o seu consentimento. Idolina se defende do mundo fechada no seu quarto, na sua cama.

Pode acontecer que o lugar em que acontece o diálogo não esteja determinado. No entanto, o tom confidencial da conversa faz pensar, igualmente, num lugar fechado. São os diálogos entre Júlia e

Mercedes ou entre Leonardo e Mercedes. Na igreja, além da confissão que se supõe ali acontecer, excepcionalmente, as mulheres falam com os índios e no palácio municipal, também, excepcionalmente, as mulheres índias falam com os brancos.

Somente dois diálogos acontecem em espaço aberto: o de Felipa com Marcela e logo com Catalina nas escadas do Mercado.

Os assuntos tratados nessas aproximações ou versam sobre situações familiares e cotidianas (a cessão de Marcela para a "ilol", o comunicado de seu casamento para os pais, a venda das cerâmicas, o chale perdido, a opinião sobre a "ilol"); situações sociais (confidências, intrigas, maledicência); sobre temas extraordinários (interrogatórios, enfrentamento com os índios revoltosos). Sempre, porém, interesses que não ultrapassam as vivências pessoais dos interlocutores.

Nas respostas às questões propostas, nada se destaca mais do texto que a evidência de uma hierarquia que se estabelece pela divisão de raça e de classes sociais, a separação que se instala entre as próprias mulheres e o alheamento do mundo de lutas no qual elas vivem. Também, que os interlocutores se relacionam sempre num sentido vertical, conscientes do lugar que ocupam na sociedade, seja na posição de superioridade ou de inferioridade.

As senhoras da sociedade são conscientes de sua superioridade em relação à Julia porque elas são ricas ou porque possuem um sobrenome tradicional. Júlia, embora vivendo em concubinato com Fernando, tem consciência de sua inferioridade em relação às pessoas que frequenta e de sua superioridade em relação a Mercedes que é alcoviteira. Consciência de sua superioridade racial, têm as mulheres reunidas na igreja, diante dos índios revoltosos, o que as leva a enfrentá-los, como se eles não tivessem forças para destruí-los, o que, efetivamente, não fizeram, confirmando, então, essa superioridade.

A hierarquia ditada pelas relações familiares é clara nos diálogos entre mãe e filha e entre marido e mulher. A senhora honesta, horrorizada diante da pergunta da filha a manda calar-se. Felipa agrade a Marcela que não se defende e cala, como também calará diante de Catalina ao ficar sob sua responsabilidade. Entre Catalina e seu marido e entre Felipa e o seu, existe, sobretudo, um silêncio que não se rompe.

Mais evidente, é a hierarquia estabelecida nas relações patroa/criada, pois uma sabe que deve mandar e a outra que deve obedecer, como é o caso entre Idolina e sua ama. Constitui-se uma exceção o estabelecimento de uma hierarquia a partir de valores morais que se superpõem aos valores materiais. Assim, a criada de Júlia au-

tojulgando-se honrada, embora pobre, se coloca numa posição superior à daquelas mulheres que são ricas mas “tapam com dinheiro suas semvergonhices” (p.207). Ou, de Idolina escutando o Bispo nos seus conselhos que ela não leva a sério: “Este ancião não é ninguém embora esteja coberto de sedas e ametistas” (p.200).

Nessa hierarquia intransponível, defendida por uma situação social, por um nome de família, pelas relações familiares ou pelos costumes, algo de excepcional deve acontecer para que ela se rompa. A morte, por exemplo.

Quando o padre Manuel é assassinado, sua irmã enfrenta o Bispo atirando-lhe no rosto a verdade dura e violenta: “– O senhor o matou por inveja!” (p.269). Ou, que uma criada sinta em relação a si mesma uma suspeita para se indignar e reafirmar a sua honestidade. São todavia, momentos de exceção que não irão provocar mudanças. A indignação de Benita, ao se acalmar não transformará o relacionamento entre os membros do clero; a criada, diante da patroa de quem não conhece os defeitos ou vícios, continuará a ter o comportamento que foi estabelecido nesse tipo de relações.

Se o traço social determinante no relacionamento do interlocutor feminino em *Ofício de tinieblas* provém de sua posição numa sociedade estratificada, o traço individual que o irá caracterizar é a hipocrisia. Poucas interlocutoras dela estão isentas.

Sim, Idolina em relação à Júlia; ou Marcela em relação à mãe e à “ilol”; sim Cristina em relação ao Bispo, as mulheres brancas em relação aos índios ou as mulheres índias em relação aos brancos.

Ou seja, duas adolescentes que apesar dos sofrimentos a que foram submetidas ainda podem ser receptivas ao outro. A governanta ao aceitar a superioridade daquele a quem serve o faz sem fingimentos. E, tanto as mulheres brancas diante dos índios, como as mulheres índias diante dos brancos ao se defrontarem com uma situação anormal agem sem se apartar do habitual: as primeiras agredindo os índios, as segundas submetendo-se às leis dos brancos. Como sempre fizeram.

Então, para que haja, realmente, sinceridade, expressão da alma, é preciso que irrompa a vida. A exclamação de Catalina ao perceber que Marcela está grávida: “Vais ter um filho!” (p.46). Ou que sobrevenha a morte violenta e ilógica e injusta: “o senhor teve a culpa. O senhor o mandou ao matadouro!” (p.269)

Esses traços determinantes das interlocutoras – socialmente a consciência da submissão ou do domínio, individualmente, o caminho para o engano – são coerentes com a representação do mundo dividido que é o mundo de *Ofício de tinieblas*. Um mundo onde o ser feminino fala para si mesmo ou se cala. Quando ergue a voz é

para sobrepor-se: a interlocutora branca sobre a interlocutora índia, aquela que, por qualquer razão válida ou não, se considera superior às demais. Mas, sempre a mulher no seu espaço reduzido, alheia ao que acontece a seu redor e que expressa um pequeno universo. Limitado horizonte que ela não discute e que a mantém com as palavras na garganta.

Rosário Castellanos, romancista, quis livrá-las do silêncio.

RESUMO

No universo ficcional de Ofício de tinieblas, romance de Rosario Castellanos publicado em 1962, se entrelaçam a ficção e a crônica para falar de índios e de brancos que se opõem nas já conhecidas posições de domínio e de passividade.

Aproximar-se, então, do personagem feminino de Ofício de tinieblas é, inevitavelmente, aproximar-se de um mundo dividido entre brancos e índios, entre os que trabalham e os que não trabalham, entre os que possuem e os que não possuem. É, imprescindível, também, aproximar-se da posição que este personagem ocupa na estrutura social e familiar e as relações que se estabelecem.

Submetidas por preceitos, preconceitos e pelas leis sociais, são personagens que irão expressar através de gestos, de atitudes e de um discurso que, pelas suas características, se constitui uma expressão, essencialmente, feminina.

Estudar esse discurso, sua função no romance e a ideologia nela contida é uma proposta de trabalho do qual as linhas que seguem constituem uma parte: a que enfoca o personagem feminino como interlocutor. Enfoque que será resposta a determinadas perguntas – quem dirige a palavra, a quem a palavra é dirigida, quando, em que espaço e em que circunstâncias – e, sobretudo, irá caracterizar, individualmente e socialmente, o interlocutor.